



INTRODUÇÃO Em primeiro lugar, santa Teresa de Jesus não usa nunca o termo Eucaristia. Fala sempre do Santíssimo Sacramento. Há 60 referências em todos seus escritos. Com este termo significa-se:

1. A presença real de Jesus no Sacrário.
2. A presença especial de sua Humanidade. É a presença de Cristo, morto, ressuscitado e glorioso.

3. Esta presença é significativa de duas coisas:

A. Humildade desse Deus, Majestade infinita. Tudo isso como sinal, claro e evidente, do amor de Deus por sua criatura, débil e tão longe de saber retornar de sua parte esse amor que Deus merece, e tão soberba em tantas ocasiões.

B. Jesus companheiro em todas e cada uma das circunstâncias de nossa vida. Usa, também, o verbo comungar nos diversos tempos do mesmo, umas 103 vezes, e o substantivo *Comunhão* 8 vezes, e no plural (“Comunhões”) outras 5 vezes.

I. SITUAÇÃO NO SÉCULO XVI DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

Teresa de Jesus vive praticamente a medianidade deste século, de ouro nas ciências, artes e na teologia: 1515-1582. Vive, pois, o pré-tridentino, a celebração do Concílio de Trento, e o pós-concílio. Século todo ele de uma florescente espiritualidade teológica, popular, e de

excepcionais teólogos. Século de lutas eclesiais, com a ruptura do Protestantismo, e entre teólogos e "espirituais". Século no seio da Igreja Católica no qual se lançam as bases doutrinárias de grande parte da teologia prática, da espiritualidade, de normas piedosas e de práticas de uma religiosidade popular que permeia o tecido da sociedade da época, das famílias e da vida de especial consagração. Teresa de Jesus tudo isto vive com intensidade, com preocupação e contribuindo com tudo o que ela entende poder contribuir, sob o aspecto da vivência, testemunho e praticidade: a renovação augurada pelo Concílio de Trento não se realizará se não for a partir de dentro, pensa ela, e a partir da reforma de costumes e de vida mais conformes ao Evangelho. Propõe por isso viver os conselhos evangélicos com a maior perfeição que ela, e as que a sigam, possam. O respeito à Eucaristia e a prática de frequentá-la na comunhão era mínima.

II. FORMAÇÃO EUCARÍSTICA DE TERESA DE AHUMADA

1.

Na casa de Teresa

, lar cristão do tipo cem por cento, cumpria-se à perfeição os dias marcados para poder comungar: na liturgia pascal e em momentos especiais ou celebrações familiares; participava-se na missa dominical, nas procissões populares e grandes encenações em torno da festa de

Corpus Christi

. Contudo, não parece que a Eucaristia influísse muito na infância e adolescência de Teresa de Ahumada. Por exemplo: não fica registrado quando fez a Primeira Comunhão. Tampouco aparece esse fato entre os acontecimentos que ela recorda de sua infância. Na

Vida

- sua autobiografia - até o capítulo 4,9 não faz menção deste Sacramento, quando diz ela: "Em todos eles - fala dos 18 anos que passou grandes dificuldades para orar -, a não ser acabando de comungar, jamais ousei começar a ter oração sem um livro. Temia tanto minha alma estar sem ele (sem o livro) na oração, como se contra muita gente saísse a pelejar". Nos capítulos seguintes de

Vida

falará com mais frequência da comunhão: 5,4; 6,6; 7,11 e 7,21, etc., etc... E são menções não de todo positivas: missas do pároco de Becedas, "devoções de Missas", mas já em um tempo de sua vida um tanto tardio. Faz referência especial à confissão e comunhão depois do terrível colapso sofrido em 15 de agosto de 1539; Teresa tem já 24 anos. (Veja-se V 5,10).

2. No mosteiro da Encarnação de Ávila.

Na Encarnação de Ávila, a piedade eucarística vivida por Teresa de Ahumada era a que então se vivia numa comunidade religiosa. Segundo a Regra do Carmelo, a celebração da Missa era o ato comunitário por excelência. Isto sempre o foi na vida de Teresa de Jesus, tanto no mosteiro da Encarnação, de Ávila, como na vida renovada do Novo Carmelo Teresiano; contudo, são poucas os dias em que se permite a toda religiosa a comunhão. Uma coisa é a celebração diária da Missa e outra, a comunhão. O primeiro foi sempre central na vida de

especial consagração, e o é na vida de qualquer cristão consciente e responsável. Porém, não se entendeu sempre desta maneira a participação na comunhão. Nas

Constituições

daquela época, a rubrica terceira tratava "das confissões e comunhão das irmãs", e prescrevia: "comungarão regularmente no primeiro domingo do Advento, e no Natal, no primeiro domingo da Quaresma, na quinta da santa ceia, no dia de Páscoa seguinte, no dia da ascensão, na páscoa do Espírito Santo, no dia de Corpus Christi, na festa de todos os santos, nas festas de nossa senhora, no dia que recebem o hábito, no dia que fazem profissão... Mas se Nosso Senhor der devoção ao convento, ou à maioria, de querer comungar mais vezes, poderão fazê-lo a conselho do confessor e com a licença da priora" (BMC 9, p. 485). Como se pode observar, estamos longe da comunhão frequente, e até diária, de agora. Pelo relato de

Vida

sabemos que nos anos de crise espiritual (especificamente na vida de oração) de Teresa de Jesus, também sua comunhão eucarística sofreu novas baixas. Não sabemos se anteriormente tinha sido fiel à comunhão dominical; mas durante essa época não foi fiel à referida frequência na comunhão, já que graças à recuperação do grande "paroxismo" do mês de agosto de 1539, tinha optado por "comungar e confessar-me muito mais amiúde e desejá-lo" (V 6,4). Três ou quatro anos depois da morte de seu pai, ao se propor uma profunda revisão de vida, subscreve a sugestão de seu confessor e volta a "comungar de quinze em quinze dias", assim diz ela em V 7,17. Esse tímido reflorescimento de sua piedade eucarística servirá de alento à vida espiritual de Teresa nos duros anos de luta que virão a seguir, entre os 29 e 39 anos de idade. No mosteiro da Encarnação de Ávila se desenvolve por esse tempo um grupo de devotas do Sacramento da Eucaristia. Formam o que chamavam "Companhia do

Corpus

...", que tem estatuto e práticas próprias. Teresa pertence a essa Companhia. Sua pertença será muito positiva para a Santa, pois produzirá refinados frutos em sua posterior piedade eucarística. Além do dito até agora, cabe colocar alguns fatores de sua formação eucarística na própria raiz desse itinerário eucarístico de Teresa. Simplesmente os enumero:

A. Entre os "bons livros" que constituíam parte na pequena biblioteca de D. Alonso, seu pai, figurava - desde antes de nascer Teresa - um "Tratado da missa", provavelmente de Frei Diego de Guzmán.

B. Muito mais influente em sua piedade eucarística foi, sem dúvida, "A imitação de Cristo", o "*Contemptus mundi*" , como ela o chama. Efetivamente, Teresa o manterá como um dos livros fundamentais da biblioteca de todo Carmelo (cfr. Constituições 2,7).

C. Mas, sobretudo, Teresa terá um valioso manual de formação eucarística nos "Cartusianos", ou seja, nos quatro volumes da "*Vita Christi*" escrita pelo cartuxo Landulfo de Saxônia, e traduzida pelo franciscano Ambrósio de Montesinos (Alcalá 1502/1503); incluído também pela Santa na lista dos livros propostos nas

Constituições
2,7.

III. VIDA MÍSTICA E EUCARISTIA **Santa**

1. Vida, experiência mística e doutrina de **Teresa de Jesus.**

Na *Mística Doutora*, a experiência mística é a base de sua vida e de seu ensino: tudo passa pela experiência mística. Uma vez que sua experiência se centrou no mistério de Cristo, tal como ela mesma nos conta a partir de *Vida* 27, com especial atenção à sua Humanidade (V 22 e 6M, 7), era normal que o Santíssimo Sacramento, como ela o chama, passasse a integrar esse campo da piedade cristológica de Teresa.

É provável que, por esses idos, já praticasse a Comunhão diária, embora isso implicasse uma singularidade chamativa em seu ambiente comunitário. Singularidade agravada pelos condicionamentos de sua saúde, como nos conta em

Vida

7,11 e 40,20.

2. Graças místicas e seus problemas com os teólogos.

Quando as graças místicas se intensificavam, ou seja, são superabundantes, e os teólogos as colocam em dúvida, uma das medidas mais cruéis adotadas contra a Santa é afastá-la da Comunhão frequente: "

D

isse-me meu confessor que todos concordavam em que era demônio; que não comungasse tão amiúde e que procurasse distrair-me e evitasse a solidão" (V 25,14). "Fui à Igreja com esta aflição e entrei num oratório. Tinha deixado muitos dias de comungar, deixado a solidão que era toda a minha consolação, sem ter pessoa alguma com quem tratar, porque todos, eram contra mim" (V 25,15). Tratou-se de uma repressão passageira. Por esse tempo (por volta de 1558/1559), sua piedade eucarística havia já se tornado fogo incandescente. Ao final do relato de

Vida

, ela mesma contará que seu desejo de comungar era tão forte, "que, ainda que me pusessem lanças ao peito, me parece romperia por entre elas" (V 39,22).

3. Nos momentos da Comunhão.

Agora os principais acontecimentos de sua vida brotam da Eucaristia. O primeiro de todos, sua missão de fundadora: "Tendo eu um dia comungado, Sua Majestade mandou-me instantemente que o procurasse realizar com todas as minhas forças..." (V 32,11). No final do relato de

Vida

nos encontramos com uma série de graças eucarísticas, assim como ao longo de suas

Relações□

e nos últimos dias como fundadora, que ela nos narra em seu livro das

Fundações

, capítulos 30-31. O ponto culminante das experiências místicas é a graça do matrimônio espiritual, que tem lugar em 18 de novembro de 1572, ao receber a comunhão das mãos de São João da Cruz. Este, para mortificá-la, deu-lhe apenas a metade da Hóstia. Ela o sentiu muito interiormente, pois lhe agradava receber a comunhão com Formas grandes. "Disse-me Sua Majestade: "Não tenhas medo, filha, que alguém tenha poder para te apartar de Mim". Dando-me a entender, assim, que isso não importava... e disse-me: "Olha este cravo; é sinal de que serás Minha esposa de hoje em diante. Até agora não o tinhas merecido; de aqui em diante zelarás e olharás pela minha honra não só como Criador, como Rei e teu Deus, mas como verdadeira esposa Minha. Minha honra já é tua e, a tua, Minha." (R 35. cfr. 7M 2,1). A comunhão sacramental com Cristo, nos últimos dez anos de sua vida, é uma dulcíssima oportunidade para renovar a graça especialíssima da esponsalidade.

Esta graça esponsal se evidencia por sua vez mediante o símbolo do cravo, a dimensão da Eucaristia como sacrifício da Nova Aliança

e como comunhão de Cristo-Esposo com a Igreja-Esposa. É, pelo mesmo, expressão máxima do Mistério Pascal, que culmina nas sétimas moradas teresianas, nas quais Teresa experiencia a presença de Cristo ressuscitado. Por isso, de algum modo, a Eucaristia - o Santíssimo Sacramento - constitui o centro da oração teresiana: Cristo em sua Humanidade padecente, ressuscitada e glorificada. É todo um memorial de fé, amor, tensão de esperança escatológica, momento privilegiado para o trato de amizade com Deus, Senhor e Esposo, que no sacramento "disfarça" a infinita majestade de sua Humanidade Glorificada. É a celebração cotidiana de sua Páscoa diária conosco. Assim interpreta a Mística Doutora a presença viva e real de Cristo no Santíssimo Sacramento e a celebração da Missa.

4. Experiência da presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento.

Presença especial de sua Humanidade: Cristo morto, ressuscitado e glorioso. Nessa série de graças místicas eucarísticas se deve ressaltar vários aspectos de seu conteúdo.

A. A Santa tem experiência especial do mistério do Santíssimo Sacramento e da presença real do Senhor nele (cfr. V 28,8).

B. Experiência de seu sangue vertido (cfr. R 26).

C. Da majestade do Senhor ressuscitado e glorificado, agora encoberto sob o sinal sacramental (cfr. V 38,21).

E em seguida dirá: "Quando me aproximava para comungar e me lembrava daquela Majestade grandíssima que tinha visto e via que era Ele que estava no Santíssimo Sacramento..., os cabelos se me arrepiavam e dir-se-ia que toda eu me aniquilava" (V 38,19).

D. Inclusive fora de contexto autobiográfico, Teresa nos faz outras confidências eucarísticas refinadas e deliciosas (cfr. C 34, 6-7).

IV. AS FUNDAÇÕES E A EUCARISTIA Madre Teresa de Jesus tinha a firme convicção de que uma nova casa religiosa somente estaria erigida, fundada, quando se celebrava nela a primeira missa, e estivesse reservado na capela o Santíssimo Sacramento. Tal convicção se devia à ideia que ela tinha da centralidade do Sacramento da Eucaristia no bom andar da casa religiosa, da vida fraterna em comunidade. O centro da vida e da própria liturgia é a Eucaristia. Em torno dessa convicção vive seu drama de fundadora com episódios emocionantes, como se pode ver na fundação de Medina del Campo (cfr. F 3).

Esta fundação é do ano 1567. Episódios parecidos aos de Medina del Campo se repetirão praticamente em cada fundação: Toledo, Segóvia... Até a fundação de Burgos, a mais penosa de todas, sem dúvida. O Arcebispo da cidade de Burgos não consente que a casa de D^a Catarina, na qual reside a pequena comunidade que acompanha a Santa Madre, reabilite sua antiga capela para celebrar a Missa todo dia. Por isso tiveram que madrugar toda manhã, atravessar a praça do Horto del Rey, subir uma das escadarias da igreja de São Gil, e assistir à primeira Missa que se celebrava na cidade na capela de Nossa Senhora da Boa Manhã, para regressar de novo, em silêncio e no escuro ainda, à casa de D^a Catarina. A própria Teresa de Jesus, ao fazer balanço de sua tarefa de fundadora, percebe neste trabalho em primeiro lugar a implantação da Eucaristia em um templo mais, ou como colaboração à difusão da presença eucarística do Senhor em meio aos homens: "porque, para mim, é consolação muito grande ver uma igreja mais onde esteja o Santíssimo Sacramento" (F 3,10).

Isto a enchia de alegria como contraponto ao que faziam os luteranos, suprimindo a Eucaristia e profanando as igrejas: "Para mim é particular consolação ver uma igreja mais, quando me recordo das muitas que os luteranos roubam; não sei que trabalhos, por grandes que fossem, se haveriam de temer a troco de tão grande bem para a Cristandade. Pois, embora nem todos advirtamos estar Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem no Santíssimo Sacramento em muitos lugares, como está, isto deveria, no entanto, ser de grande consolação para nós." (F 18,5). Esta mesma ideia persiste nas últimas fundações. Por ocasião da fundação de Palência escreve: "

A
inda que não tivessem outro motivo, já era grande o de ficarem com mais uma igreja onde está o Santíssimo Sacramento" (F 29,27).

V. A SANTA MISSA Para a Mística Doutora, chamada inquieta e andarilha, a Missa

era literalmente uma subida no caminho: "Colocava grandíssimo cuidado em que os sacerdotes que iam com ela [a] caminho, por nenhum motivo deixassem de rezar Missa todo dia. E um que por não achar espórtula para dizê-la a todos que iam, faltando para um, dizia às que ali íamos: roguem a Deus que se ache o que falta para rezar esta Missa, que me dá muito fastio pensar se há de se privar hoje a Igreja do valor deste sacrifício" (Declaração de Ana de San Jesús no processo de Salamanca: BMC 18, pág. 465).

A Missa é a maneira de renovar a presença, viva e salvífica, de Jesus na história da Humanidade. É uma presença tão viva e tão real que a Santa a percebe como se encontrasse com Cristo no tempo em que esteve entre nós. Por isso, ela ria interiormente quando ouvia dizer alguma pessoa que quisesse ter vivido no tempo em que Ele viveu no mundo. Di-lo assim santa Teresa: "A esta [Teresa] tinha-lhe o Senhor dado fé tão viva que, quando ouvia alguém dizer que quisera ter vivido no tempo em que Cristo, nosso Bem, andava no mundo, ria-se dentro de si, parecendo-lhe que, tendo-O tão verdadeiramente no Santíssimo Sacramento como então, que mais se lhes dava?" (C 34,6. Pode-se ver C 34,8 e 13; 5M 1,11; F 18,5).

VI. CATEQUESE PRÁTICA TERESIANA SOBRE O SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Ao colocar em prática o novo estilo de vida comunitária nos Carmelos por ela fundados, santa Teresa refletiu profundamente sobre a importância da Missa e da Comunhão. Por isso na seção I do projeto elementar de vida elaborado nas primeiras

Constituições

dadas ao grupo por ela reunido no ano de 1567, menciona o tema da Missa nos seguintes termos: "que deixarão Nona para cantar antes da Missa" (nº 3). "Aos domingos e dias de festa se cante Missa, vésperas e matinas" (nº 4). "O ordinário seja todo rezado e também a Missa" (nº 5). "Às oito no verão, e às nove no inverno, se reze Missa" (nº 6). Neste mesmo nº 6 se diz referente à Comunhão: "As que comungarem, fiquem um pouco no coro".

1. Frequência da Comunhão.

No que tange à Comunhão, na seção II se diz: "Que dias se há de receber o Senhor".

O nº 1 desta seção diz textualmente: "A Comunhão será em cada domingo, dias de festa, dias de Nosso Senhor e Nossa Senhora, de nosso pai santo Alberto, de são José, e os demais dias que ao confessor convier, conforme a devoção e espírito das irmãs, com licença da madre priora. Também se comungará no dia da advocação da casa". Até aqui o texto constitucional. O primeiro biógrafo da Santa, Francisco de Ribera, acrescenta que, além do prescrito nas *Constituições*,

Madre Teresa "mandou que toda monja comungasse todos os anos no dia em que tomou o hábito, e no que fez a profissão. E embora isto não esteja nas

Constituições

, quis que tivesse a mesma força que se nelas estivesse, e para que se soubesse sua vontade,

uma vez que a perguntaram, pediu tinta e papel, e o escreveu e assinou com seu nome" (p. 424).

E segue dizendo Ribera que desta devoção que tinha ao Santíssimo Sacramento vinha a grande reverência que tinha aos sacerdotes, por serem eles os que a consagram. Diz-nos, além disso, o cuidado que tinha a respeito de tudo o que tivesse alguma relação com este Sacramento: ornamentos, cálices, corporais, etc. Essas primeiras disposições elementares têm amplo desenvolvimento doutrinal e pedagógico no *Caminho de Perfeição*. Serve-se da petição central do Pai-Nosso: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje", para educar em profundidade a piedade eucarística da comunidade, e de cada irmã.

2. Ideias fundamentais que inculca nelas.

As ideias essenciais, e que servem de uma autêntica catequese teresiana a respeito da Eucaristia podem assim se resumir:

a)

Em primeiro lugar, Teresa afirma que a Eucaristia é o dom por excelência do Pai, que já não consiste no maná do deserto, mas no dom de seu próprio Filho. É a doutrina do capítulo 6 de são João. É esse dom-pessoa que pedimos ao Pai ao dizer-lhe que nos dê "o pão de cada dia". E esse pão, pedimo-lo para o "hoje" passageiro da vida presente, e para o cada dia da eternidade (cfr. C 34,1-2).

b)

A Eucaristia é, também, a prolongação da presença de Cristo entre os homens. Presença "velada" de sua Humanidade, como a Encarnação foi presença velada de sua Divindade. A Eucaristia, sob os sinais do pão e do vinho, é um novo "disfarce" de sua Pessoa Gloriosa. Sua Divina Majestade, o Esposo, o Senhor, "disfarçado" no Santíssimo Sacramento. Pode-se ver especialmente em C 34,3.9 e 12. Santa Teresa fala deste modo especialmente no comentário que faz à petição do Pai-Nosso

"Panem nostrum quotidianum da nobis hodie"

nos capítulos 33, 34 e 35. Fala também a Santa de uma Majestade tão grande dissimulada sob os acidentes do pão e do vinho (cfr. C 33,9), ou dissimulada "em coisa tão pouca como a Hóstia" (V 38,21). Mas tudo isso feito numa proximidade extrema, embora misteriosa. O mistério não suprime em nada a proximidade que se dá no Santíssimo Sacramento. Proximidade misteriosa, importante e decisiva, para o orante, necessitado de entrar na presença misteriosa do Outro - de Cristo-, para possibilitar o trato recíproco de amor.

c)

Essa misteriosa presença de Cristo no Santíssimo Sacramento é a mais excelente plataforma para poder realizar todas as modulações da oração: adorar, bendizer, dar graças, louvar, reparar, pedir... E de modo muito singular, para se unir a Cristo, e orar com Ele e por Ele ao Pai, pela Igreja (cfr. C capítulo 34).

d)

A Eucaristia é mistério de presença e de comunhão: princípio e semente de união. Esta comunhão é proposta por Teresa como um processo de interiorização-imersão. Comungando interiorizamos o Senhor, e nos interiorizamos por imersão com Ele: Ele em nós, e nós nele. Usa a Santa os termos bíblicos de "templo" e "hospedagem", para aplicá-los a esse momento do Banquete Eucarístico, no qual o Senhor se converte em comida - e bebida - do que comunga. O mais importante nesse momento da Comunhão é a "união" que se realiza entre Cristo e o comungante.

e)

Mas, também, a Eucaristia é suma manifestação de Cristo e de seu amor. Nela se mostra, nos dá a conhecer, de maneira especial; está oculto, mas disposto a se manifestar ao que comunga segundo a medida de seus desejos. O Senhor tem muitíssimas formas de se manifestar; mas de fato "se mostra" de todo, somente "a quem muito o deseja" (C 34,10 e 12). Não se esqueça que o Sacramento-Banquete requer fome espiritual para ser recebido adequadamente.

f)

Por fim, Cristo na Eucaristia está sacrificado; deste modo pode ser oferecido em sacrifício ao Pai. Não somente na Missa. Nem somente o sacerdote. Mas em qualquer momento e por qualquer de nós, chamados assim a exercer o sumo do sacerdócio batismal pelo qual se participa do único sacerdócio de Cristo (cfr. C 35). Este aspecto, que acabo de analisar, adquire valor especial na formação da carmelita, pois a Santa a responsabiliza com a oração, desde o primeiro capítulo de *Caminho de Perfeição*, pelas grandes necessidades da Igreja.

g)

A Comunhão é o momento de "negociar" com o Senhor; ou seja, é o momento da petição, da intercessão:

“

Ficai-vos com Ele de boa vontade; não percais tão boa ocasião de negociar, como é a hora depois de ter comungado. Se a obediência, irmãs, vos mandar outra coisa, procurai deixar a

alma com o Senhor" (C 34,10).

h) É também tempo oportuno para que nos dê a conhecer, para que nos ensine este bom Mestre, e para suplicar-lhe que não se vá de junto de nós (cfr. C 34,10). Na memória das primeiras carmelitas fundadas por santa Teresa de Jesus ficou impresso a lembrança da última oração da Mística Doutora no leito de morte. Já sem forças, ao aproximar-se o Santíssimo de sua cela, a enferma se agarra no esteio, inicia em voz alta o último diálogo com Deus, e repete uma vez e outra: "Já é tempo, Esposo meu, de que nos vejamos". **Belíssima catequese prática de santa Teresa de Jesus sobre o Santíssimo Sacramento: a Eucaristia, sacramento-sacrifício, e celebração gozosa do Mistério Pascal.**

Bibliografia

- ALBARRÁN, Avelino de Castro. *Teresa de Jesús, loca de la Eucaristía*, Madri: 1952.
- ALVAREZ, Tomás. *Eucaristía*, in *Diccionario de Santa Teresa*, Ed. Monte Carmelo, Burgos 202, pp. 276-281.
- , *Paso a paso. Leyendo con Teresa su Camino de Perfección*, Ed. Monte Carmelo, Burgos 1998, 2ª edición, pp. 227-251.
- , *Santa Teresa y la experiencia mística de la eucaristía. En torno a un libro reciente*: Mte.Carm. 89 (1981), pp. 542-548.
- CASTELLANO, Jesús. *Vivir con Teresa de Jesús la liturgia de la Iglesia*: Mte.Carm. 89 (1981), pp. 209-233.
- GARCÍA, Ciro. *Santa Teresa de Jesús: nuevas claves de lectura*, Ed. Monte Carmelo, Burgos: 1998, pp. 121-143.
- , *Experiencia eucarística de Santa Teresa de Jesús*: Burgense 41 (2000), pp. 73-86.
- GENNARO, Camillo. *Il mistero eucaristico nell'esperienza di Teresa D'Avila*: Rev.Vit.Sp. 37 (1983), pp. 153-164.
- ORTEGA, Gerardo. *La Eucaristía ahora y siempre. Con Teresa de Jesús al fondo*: Mte.Carm. 889 (1981), pp. 509-517.
- PARENTE, Pietro. *Esperienza mistica dell'Eucaristia*, Roma: 1981, pp. 43-57.

Fonte: irmascarmelitas.com.br